

Hilda Jaqueline de Fraga
Claudia do Socorro Cirino Cardoso
Éverton Reis Quevedo
Véra Lucia Maciel Barroso
(Orgs.)



BEJA
CIDADE
ANTI
FASCISTA

Experimentações do P ATRIMÔNIO

DIVERSIDADES
E RESISTÊNCIAS



EXPERIMENTAÇÕES DO PATRIMÔNIO

Diversidades e resistências

Organizadores

Hilda Jaqueline de Fraga
Claudira do Socorro Cirino Cardoso
Éverton Reis Quevedo
Véra Lucia Maciel Barroso



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FRAGA, Hilda Jaqueline de, et al. (Orgs.)

Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências [recurso eletrônico] / Hilda Jaqueline de Fraga et al. (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

478 p.

ISBN - 978-65-5917-137-8

DOI - 10.22350/9786559171378

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Patrimônio; 2. Diversidade; 3. Resistência; 4. Arte; 5. Experiência; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

UMA EXPOSIÇÃO EM NUANCES

Marlise Giovanaz¹

Ana Carolina Gelmini de Faria²

No ano de 2019, o curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi convidado pelo *nuances* para planejar uma exposição museológica que envolvesse prioritariamente dois temas: os 50 anos da Revolta de Stonewall, ocorrida em 28 de junho de 1969, em Nova Iorque, no Bar Stonewall Inn; e os 28 anos do *nuances* – Grupo pela Livre Expressão Sexual, uma referência nacional na valorização e no respeito à diversidade. A exposição integraria o Seminário Nacional *De Olho bem Aberto: 50 Anos de Stonewall, 28 Anos de nuances*, realizado no Memorial do Rio Grande do Sul (Figura 1), no mês de junho do mesmo ano.

¹ Graduação e mestrado em História pela UFRGS. Docência no Departamento de Ciências da Informação Fabico/UFRGS. E-mail: marlise.giovanaz@ufrgs.br. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre – Brasil)

² Graduação em Museologia (Unirio), mestrado e doutorado em Educação (UFRGS). Docência no Departamento de Ciências da Informação Fabico/UFRGS e no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade. E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre – Brasil)

Figura 1 - Logomarca do Seminário Nacional
De Olho bem Aberto: 50 Anos de Stonewall, 28 Anos do nuances



Fonte: nuances promove o Seminário Nacional 'De Olho bem Aberto', 2019, doc. eletr.

A iniciativa por parte do *nuances* foi instigante para o curso de Museologia, pois o evento organizado não poderia se limitar a conferências e painéis de debates. Havia a intenção de explorar a vasta materialidade preservada pelo grupo e, mais do que isso, torná-la fonte de informação. Ao movimento de preservação, seria agregada a ação de pesquisa e comunicação, contemplando, assim, a tríade da função básica dos museus.

Destaca-se que o *nuances* apresenta um movimento ascendente em relação à preservação, pesquisa e promoção de seu patrimônio. Parte de seu acervo documental, que registra a atuação do grupo, será disponibilizado para pesquisa depois de ser devidamente tratado e classificado pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS). Um exemplo mais específico é o *Jornal do Nuances*. O periódico, publicado desde 1991, tem por objetivo registrar as vivências homossexuais no Rio Grande do Sul, com enfoque na história, comportamento, sociabilidade,

saúde, movimento e cultura LGBT³. Através do NPHDigital, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em História do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, esse patrimônio documental está com acesso aberto e gratuito por meio digital⁴. Ou seja, pode-se sugerir que uma exposição era parte de um movimento mais amplo, marcado pelo desejo de memória a ser compartilhado socialmente.

O contato com a Museologia evidencia outro processo: para além da cultura escrita, havia a vontade de explorar a cultura material. Cabia então o desafio de problematizar a relação do coletivo com os objetos selecionados por eles ao longo de seu itinerário, a fim de interpretar os valores agregados a essas evidências. Aplica-se, aqui, o conceito *de fato museal*: “[...] relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual ele tem o poder de agir” (RÚSSIO, 1981, p. 58). Pode-se sugerir que o *nuances*, ao selecionar objetos – parte da realidade que o homem social atua, molda e interpreta –, atribui valor de musealidade: “[...] propriedade que tem um objeto material de documentar uma realidade, através de outra realidade: no presente, é documento do passado, no museu é documento do mundo real, no interior de um espaço é documento de outras relações espaciais” (MAROEVIC, 1997, p. 1).

Tendo essas premissas como ponto de partida e desejando manter a essência de coletivo do *nuances*, uma chamada foi realizada para compor a equipe de curadoria compartilhada da exposição. Da parte do *nuances*, nove integrantes se envolveram com a proposta diretamente; da Museologia da UFRGS, participaram 16 pessoas, entre estudantes da graduação e da Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa),

³ Não foram desconsideradas suas variantes, porém optou-se pela sigla LGBT por ser a adotada nas políticas públicas nacionais.

⁴ O acervo está disponível em: <https://www.ufrgs.br/nphdigital/colecoes/>. Acesso em: ago. 2020.

docentes e técnico-administrativo da universidade. De acordo com Bruno (2008, p. 22):

[...] a definição de curadoria tem sido permeada pelas noções de domínio sobre o conhecimento de um tema referendado por coleções e acervos que, por sua vez, permite a lucidez do exercício do olhar, capaz de selecionar, compor, articular e elaborar discursos expositivos, possibilitando a reversibilidade pública daquilo que foi visto e percebido, mas considerando que as ações de coleta, conservação e documentação já foram realizadas.

O processo de curadoria compartilhada era essencial para a dinâmica da exposição: o *nunes* possuía o conhecimento especializado do tema, bem como o domínio da materialidade salvaguardada; à equipe da Museologia da UFRGS cabia um olhar reflexivo sobre as evidências materiais, enaltecendo dinâmicas necessárias aos processos curatoriais. Entre estas, destacavam-se as atividades museológico-curatoriais:

- Delimitação do recorte patrimonial no âmbito das coleções e dos acervos, a partir de intenções pré-estabelecidas;
- Concepção do conceito gerador a partir da delimitação do enfoque temático e do conhecimento das expectativas do público em relação à temática selecionada, valorizando as vocações preservacionistas e educacionais dos discursos expositivos;
- Seleção e enquadramento dos bens identificados como referenciais para a abordagem do tema proposto, respeitando as articulações com os processos de conservação e documentação;
- Conhecimento do espaço expositivo e de suas potencialidades públicas;
- Definição dos principais objetivos do discurso expositivo e dos critérios para avaliação do produto expográfico, respeitando as potencialidades de ressignificação das coleções e acervos, as necessidades de entrelaçamento com as premissas educacionais e a realidade conjuntural da instituição;
- Concepção do roteiro do circuito expográfico, a partir do delineamento das questões de infraestrutura e das linguagens de apoio;

- Elaboração do desenho expográfico, indicando as características técnicas da proposta expositiva;
- Organização e realização do projeto executivo, considerando os parâmetros de produção, cronograma, orçamento e avaliação (BRUNO, 2008, p. 24).

Partindo de uma relação direta com o *nuances*, a equipe museológico-curatorial iniciou o planejamento expológico, ressaltando que “expologia, como parte da Museologia, estuda a teoria da exposição [...] o que envolve os princípios museológicos, comunicacionais e educacionais de uma exposição é a sua base fundadora” (CURY, 2008, p. 2). Definiu-se que a narrativa da exposição seria apresentada em três núcleos – Revolta de Stonewall, Movimentos LGBT no Brasil e *nuances* –, estabelecendo com o(a) visitante uma narrativa de marcos internacional, nacional e regional.

Intitulada *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação*, a exposição teve cada parte do título pensada de forma estratégica, sendo o elemento de conexão o termo *ação*. Partindo da ideia de *ação* – que compreende disposição para agir, atividade, energia, movimento –, a equipe museológico-curatorial pretendeu valorizar como um ato impulsiona diversos desdobramentos. A Revolta de Stonewall não foi o primeiro movimento de resistência articulado pelo grupo LGBT, porém, pelos impactos alcançados naqueles dias de 1969, o evento se tornou uma referência na luta pela livre expressão sexual. Desde então, muitos grupos articularam-se contra o preconceito e a homofobia, como é o caso do *nuances*. A logomarca da exposição buscou trazer como dispositivo de reconhecimento da comunidade LGBT um elemento comum da cultura noturna: os letreiros de bares, um signo de reconhecimento do bar Stonewall Inn (Figura 2).

Figura 2 - Bar Stonewall Inn, à esquerda, e logomarca da exposição, à direita



Fonte: Wikipedia, s. d., doc. eletr., e figura das autoras, 2019.

O exercício expológico proposto era desafiador pela conjuntura social vivenciada na cidade de Porto Alegre, ainda sob efeitos do episódio ultraconservador relacionado à exposição *QueerMuseu* no Santander Cultural⁵. O Memorial do Rio Grande do Sul é o prédio vizinho ao Santander Cultural, e acreditava-se que, para além de montar uma exposição, assumia-se a responsabilidade de participar de uma militância antissilenciadora. De acordo com Baptista (2019, p. 89):

Mais do que nunca, chegou o momento da museologia se posicionar. Na temporada de caça que está aberta, não sobrá espaço para qualquer museu minimamente interessado em trabalhar sua função social. Segue-se permitindo no jogo da censura falar nas entrelinhas, manter-se à banalidade museal, do irrelevante e do meramente decorativo. Se os museus seguirem se

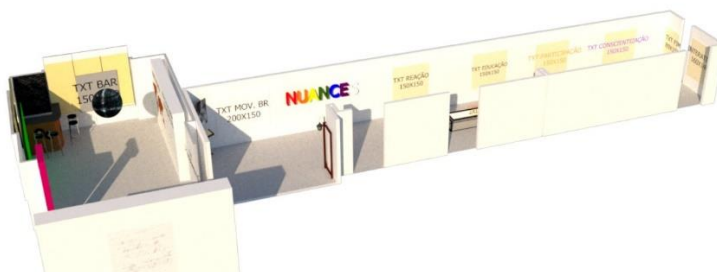
⁵ QueerMuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira foi uma exposição artística brasileira apresentada no Santander Cultural, na cidade de Porto Alegre, exibida no período de 15 de agosto a 8 de outubro de 2017. Grupos religiosos, junto com o Movimento Brasil Livre, pediram o fechamento da exposição e até mesmo o encerramento de contas dos clientes do Santander. Diante dessas ocorrências, o Santander decidiu encerrar a exposição no dia 10 de setembro. Sugere-se a reportagem: MENDONÇA, Heloísa. QueerMuseu: o dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. *El País*, 13 de setembro de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html. Acesso em: ago. 2020.

rendendo - e já estão - alimentarão ainda mais o pensamento ultraconservador. É preciso, em caráter emergencial, sair do armário.

Para tais efeitos, no decorrer do processo expológico, a equipe museológico-curatorial identificou a importância de uma produção que despertasse os sentidos, convidando o(a) visitante a degustar a vivência da exposição, como Scheiner (2002, p. 98) ressalta: “[...] toda exposição deveria ser ‘saboreada’ ponto a ponto, passo a passo, no tempo perceptual de cada indivíduo, possibilitando que todo o seu ser se impregnasse daquela experiência. É essa ‘impregnação dos sentidos’ que efetivamente mobiliza a emoção e desperta para a mudança”. Cada elemento que compôs a narrativa (acervos e recursos expográficos) foi selecionado e articulado para propor um argumento cultural combativo ao preconceito.

Esse projeto contava com três espaços cedidos pelo Memorial do Rio Grande do Sul. Para o circuito expositivo, uma sala e um amplo corredor adaptado para mostras, ambos localizados no térreo da instituição, à esquerda de quem entra no prédio (Figura 3). Os espaços dialogam entre si, constituindo um circuito linear. Ao final do corredor, contou-se, ainda, com uma sala de projeção que exibiu registros audiovisuais. O núcleo Revolta de Stonewall ficou concentrado na sala, e os núcleos Movimentos LGBT no Brasil e *nuances*, no corredor.

Figura 3 - Sketchup da exposição



Fonte: Nicholas Braz Aguirre, 2019.

O primeiro núcleo teve por objetivo apresentar os 50 anos da “Revolta de Stonewall” e seus efeitos, como as primeiras Paradas do Orgulho Gay, o surgimento de grupos organizados e de uma imprensa especializada. Para isso, a narrativa pontuou o contexto político, social e cultural da época que conduziu ao evento, seus desdobramentos e marcos históricos e, ainda, suas repercussões contemporâneas, a exemplo do Monumento Nacional Stonewall, anunciado em 2016, pelo então presidente Barack Obama. A materialização desse núcleo foi marcada por indícios que evocavam a construção de um imaginário sobre o bar Stonewall Inn, da cidade de Nova Iorque da década de 1960 e do movimento da contracultura: “A capacidade imaginativa coloca em ação permanente a memória, como instrumento de elaboração de experiências. É o oposto do hábito, que atribui valor à permanência” (SCHEINER, 2002, p. 103). Os destaques expográficos foram a reprodução do letreiro do bar Stonewall Inn, a parede de tapume de madeira revestida por lambes vinculados ao período e o balcão de um bar, elemento de alusão ao local do conflito (Figura 4). Em relação ao acervo, foram consultadas fotos históricas preservadas pela Biblioteca Pública de Nova Iorque, oportunizando aos(às) visitantes terem acesso a esses registros visuais.

Figura 4 - Sketchup, montagem e detalhes do Núcleo 1



Fonte: autoras e Ronaldo Milanez, 2019.

No segundo núcleo expositivo, o objetivo era apresentar os efeitos da “Revolta de Stonewall” no Brasil. Um dos destaques foi o jornal *Lampião da Esquina* (1978), primeiro a dar voz ao público LGBT, tornando-se um marco na história do movimento pela livre expressão sexual no país. Utilizando uma linguagem ousada e contestadora, denunciava a violência

e dava visibilidade às pessoas da comunidade. Financiado por simpatizantes e publicado por editora própria, teve 38 edições, com cerca de 10 mil tiragens cada. O jornal teve sua importância não só pela coragem em debater assuntos dados como polêmicos e combater a censura, mas também por possibilitar a manifestação de um grupo social que no período era considerado marginalizado.

A equipe museológico-curatorial decidiu que o jornal era um acervo central desse núcleo e que a partir dele poderia explorar os demais conteúdos relacionados ao movimento brasileiro. Ao defender a importância do manuseio da materialidade, elemento característico desse veículo de comunicação, optou por reproduzir alguns de seus números, convidando o (a) visitante a explorar outros sentidos, como o tato. Para tal efeito, foi elaborada uma estrutura para acesso ao acervo, inserida em uma esquina que iniciava o corredor do núcleo 2 e tendo acoplado um lampião, ambos os gestos em referência ao nome do jornal *Lampião da Esquina* (Figura 5). Assim, foi sugerido um espaço multissensorial. De acordo com Melo e Guedes (2018, p. 40), “a interpretação das sensações ajuda a compor a percepção, captada pelos sentidos imbricados com a memória e a cognição. Juntos, eles geram interpretações sobre o mundo e dirigem nosso comportamento”.

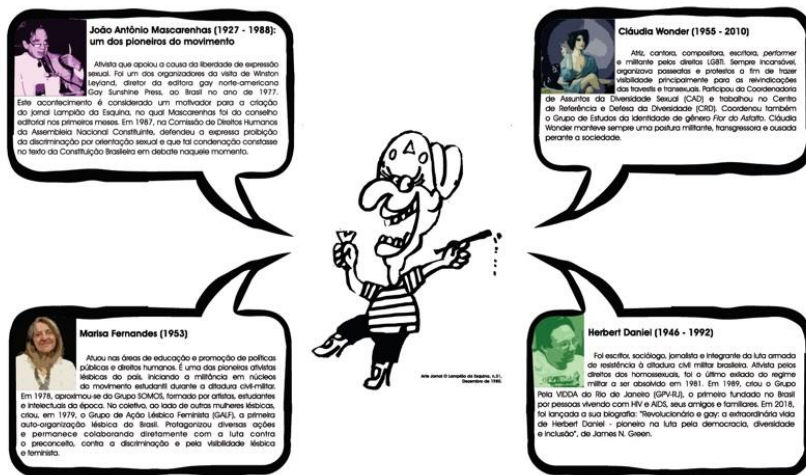
Figura 5 - Esboço, sketchup e recurso expográfico *Lampião da Esquina* do Núcleo 2

Fonte: autoras e Ronaldo Milanez, 2019.

O mascote do jornal *Lampião da Esquina* foi um elemento de conexão desse núcleo. Explorou-se esse recurso para se apresentar militantes da resistência pela liberdade de expressão sexual: João Antônio Mascarenhas (1927-1988), um dos organizadores da visita de Winston Leyland – diretor da editora gay norte-americana Gay Sunshine Press – ao Brasil, no ano de 1977, acontecimento considerado motivador para a criação do jornal *Lampião da Esquina*; Herbert Eustáquio de Carvalho (1946-1992), idealizador do Grupo Pela VIDDÁ do Rio de Janeiro (GPV-RJ), o primeiro fundado no Brasil por pessoas vivendo com HIV; Marisa Fernandes (1953), criadora, em 1979, do Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF), a primeira auto-organização lésbica do Brasil; e Cláudia Wonder (1955-2010),

organizadora de passeatas e protestos que traziam visibilidade para as reivindicações das travestis e transexuais (Figura 6).

Figura 6 - Arte gráfica com mascote do jornal *Lampião da Esquina* apresentando militantes



Fonte: autoras, 2019.

A partir da década de 1970, identifica-se no Brasil a articulação de muitos grupos pela defesa da diversidade sexual. Alguns tiveram curta duração, outros já constroem décadas de ação contra o preconceito e contra a homofobia, como é o caso do *nuanças*. Os 28 anos de sua atuação foi o enfoque do terceiro núcleo expositivo. Tendo por exercício analisar o protagonismo do *nuanças* na conquista de direitos sociais e civis e no estabelecimento de uma legislação de combate à LGBTfobia, a composição narrativa se diferenciou das demais – uma intencional presença de cor era o destaque visual desse núcleo:

Sobre o indivíduo que recebe a comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice: a de *impressionar*, a de *expressar* e a de *construir*. A cor é vista: impressiona a retina. É sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de

construir uma linguagem que comunica uma ideia (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2011, p. 13. Grifo dos autores).

Essa opção de explorar uma diversa paleta de cores justificava-se pela referência à bandeira arco-íris do movimento e por ser uma identidade da arte gráfica do *nuances*, criada por Luís Gustavo Weiler, membro e ativista do coletivo. Seu traço acompanha a trajetória do *nuances* e está presente em panfletos, jornais, revistas e livros publicados. Portanto, era um elemento central da concepção do núcleo (Figura 7).

Figura 7 - Materiais gráficos do *nuances* com a arte gráfica de Luís Gustavo Weiler



Fonte: *nuances*, 2019.

Tendo por premissa que o *nuances* segue produzindo materiais e conteúdos, contribuindo para a divulgação e identificação de pautas relevantes para a comunidade LGBT, um jogo de palavras foi lançado ao (à) visitante, utilizando o termo *ação* como sufixo dos conjuntos temáticos do núcleo: Reação, Educação, Participação, Conscientização, Inovação e Celebração. Temas esses evidenciados a partir do agrupamento dos diferentes acervos produzidos pelo *nuances* no decorrer de sua militância (jornais, cartilhas, folders, faixas), além de registros fotográficos e reportagens que percorreram marcos dessa trajetória (Figura 8).

Figura 8 - Montagem do núcleo e detalhe de vitrine com acervo do *nuances*



Fonte: autoras e Ronaldo Milanez, 2019.

O final do percurso convidava a refletir sobre a liberdade, reforçando que o *nuances* tem uma trajetória de inconformismo, tal como foi o evento de Stonewall e as páginas do Jornal Lampião da Esquina. A proposta era reforçar que a liberdade não é um privilégio, é um direito. Um espaço de interação com a arte gráfica de Luís Gustavo Weiler, marca do *nuances*, reforçava o texto de encerramento: “Continuamos resistindo, pois acreditamos em um mundo onde os direitos não sejam coagidos, a democracia seja um princípio civil e socialmente respeitado e a diversidade pinte o mundo com as cores do arco-íris” (Figura 9).

Figura 9 - Imagem de encerramento da exposição *De Stonewall ao nuances*:



Fonte: autoras, 2019.

Na contramão das exposições que exploram o consumo cultural e o entretenimento, ou das que buscam transmitir o máximo de informações sobre a temática abordada, a proposta da exposição *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação* era convidar o(a) visitante a uma experiência subjetiva, oferecendo alternativas de pensar e sentir a importância de se valorizar a vida e os direitos humanos. A mostra, para o *nuances*, foi um exercício reflexivo, uma vez que essa organização se consolidou como uma referência de ação na esfera pública. Para a equipe museológico-curatorial, essa foi uma oportunidade de, compreendendo o museu enquanto processo, idealizar uma experiência museológica: “[...] podendo ser pensados como plataformas ou pontes, os museus atuam poderosamente nas subjetividades, permitindo o diálogo entre as diferenças, tornando possível o confronto entre diferentes visões de mundo” (SOARES, 2012, p. 68). Para a sociedade, foi a demonstração de que é possível dialogar, a partir da cultura material, sobre temas do presente, respeitando as diferenças e garantindo o exercício da cidadania. A exposição, que buscou comemorar marcos do rompimento da invisibilidade política da população LGBT, em si, fruto da resistência e da mobilização da consciência coletiva, representou um exercício a ser também celebrado.

REFLETINDO SOBRE O PROCESSO

Os museus e suas coleções são base importante na constituição da narrativa histórica, porém, para garantir que a narrativa seja inclusiva, é necessário refletir criticamente sobre a forma como essas coleções são formadas e legitimadas. Quais grupos sociais são realmente contemplados por essas coleções? Quando o Curso de Museologia da UFRGS foi convidado a conceber e montar uma exposição em comemoração aos 50

anos da Revolta de Stonewall e aos 28 anos do grupo *nuances*, esse foi um dos primeiros pensamentos que emergiram. Afora a coleção constituída a partir da experiência política e histórica do coletivo, não havia nos acervos locais objetos ou documentos que pudessem subsidiar um argumento expológico.

Como defende Chagas (2002), as instituições de memória, como arquivos, bibliotecas e museus, testemunham discursos sobre o presente e sobre o passado repletos de ausências. No caso brasileiro, é verificável a inexistência das mulheres, dos negros e da comunidade LGBT nessas coleções. Quando algum desses grupos aparece mencionado por esses acervos, é geralmente para reforçar seu caráter de submissão ou de marginalidade. O autor sublinha a relação estreita que existe entre memória e poder, o que resulta na politização de memórias e de esquecimentos. No caso específico dos acervos de instituições culturais, isso implica presenças e ausências.

A realidade encontrada nas instituições de memória por todos aqueles que pesquisam e se interessam em dar visibilidade a temáticas relacionadas a esses grupos precisa ser transformada. E a digitalização do acervo do Jornal do Nuances constitui um pequeno passo nesse processo, pois garante o acesso ao material produzido durante mais de 25 anos pelo grupo, além de fomentar a produção de novas pesquisas e ações de memória. A guarda e a organização do acervo de cartas recebidos em seus 29 anos de existência pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul é mais um movimento nesse sentido. O que garante a preservação das manifestações desses sujeitos, ausentes até então e sem a mínima possibilidade de verem suas memórias conservadas.

Essa exposição realizada pelo Curso de Museologia da UFRGS permitiu aos docentes, discentes e ao técnico-administrativo ampliar a reflexão sobre o próprio profissional, sobre a Museologia e sobre o lugar

da diversidade na narrativa sobre o passado. Experiência que reforçou o valor histórico e cultural do acervo do grupo *nuances*, agora parcialmente preservado. A coleção de objetos, documentos e outros materiais do grupo ainda não se encontra institucionalizada, o que a coloca em risco. Situação que não é específica do *nuances*, já que se repete na maior parte das associações sociais e identitárias, enquanto as instituições de memória permanecem como guardiãs dos documentos e objetos oriundos do exercício do poder político.

A relação entre a história e a memória, entre a preservação e o esquecimento, é uma dicotomia que pauta o trabalho daqueles que se dedicam ao estudo do passado. As efemérides, ou comemorações, são utilizadas como marcas de memória pelas instituições oficiais há muito tempo, definindo datas, personagens e monumentos que representam aqueles que ocupam o poder (político e econômico), com o objetivo de controlar os discursos sobre o passado e reforçar determinadas memórias. Na tentativa de guardar parte desse passado, representam, portanto, um processo seletivo. Porém o uso das comemorações não precisa seguir exatamente essa trilha, e cabe aos grupos não institucionalizados ou marginalizados na sociedade realizar sua parcela de seleção do passado. A exposição *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação* operou de várias formas essa seleção a partir da pesquisa em acervos – neste caso, fundamentalmente, o acervo da NYPL e do *nuances* – e procurou constituir um discurso afirmativo sobre a comunidade LGBT. Não interessou ao grupo o caráter policialesco ou criminal do evento, mas, sim, reforçar protagonismos de resistência, produzindo assim uma narrativa positiva e de valorização da identidade. Antes da abertura da exposição, o grupo de curadoria teve a oportunidade de escrever uma matéria que foi publicada no *Jornal do Nuances* e que se iniciava com uma definição do que foi o evento:

A *Revolta de Stonewall* foi um evento que iniciou na madrugada de 28 de junho de 1969, quando frequentadores do Stonewall Inn, famoso bar gay localizado no bairro Greenwich Village, em Nova York, entraram em conflito com a polícia da cidade durante uma batida truculenta. Esse episódio foi responsável por desencadear uma série de protestos no país e no mundo, fortalecendo o movimento de luta pelos direitos LGBTQ+ (FARIA; GIOVANAZ; MACHADO, 2019, p. 8-9. Grifo dos autores).

Essa manobra narrativa se mostrava necessária dentro do intuito da construção da narrativa expográfica, mostrando o protagonismo de resistência. O objetivo era que o(a) visitante ou o(a) leitor(a) tivessem a compreensão de que, se a expressão do comportamento LGBT deixou de ser criminalizada ou marginalizada nos últimos 50 anos, isso aconteceu por ações de grupos, articulados ou não, de resistência e de insatisfação com o preconceito do qual eram vítimas. O mesmo tom foi adotado quando se abordou a trajetória do *nuances*, reforçando-se a atuação inovadora e o protagonismo do grupo na cena LGBT regional, por meio das campanhas que o coletivo realizou, dos projetos, das mais de 15 publicações e da legislação que hoje está disponível para proteger e garantir a cidadania e a liberdade de expressão sexual.

A atividade fim da universidade é produzir conhecimento e ensino de qualidade. Como professoras dessa instituição, nosso interesse é qualificar a experiência de aprendizagem dos alunos, porém a universidade nem sempre preza pelo diálogo e pelo estabelecimento de laços com a sociedade civil, já que em geral encontra-se sufocada por suas próprias demandas. O convite recebido do grupo *nuances* permitiu a todos transpor essa fronteira, dialogar com a sociedade e levar os(as) alunos(as) para esse debate (Figura 10). A parceria não era nova, já se havia participado, em 2016, na exposição *Uma Cidade pelas Margens*, que aconteceu no Museu

de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. O mais importante é que a parceria ainda não acabou, e se está em pleno planejamento de novas atividades para o ano de 2021, quando o grupo completa 30 anos. Como reforçam Baptista e Boita (2018), a Museologia não pode mais se silenciar sobre a temática LGBT. É preciso conscientizar os(as) alunos(as) e o público da necessidade de promover um discurso inclusivo sobre a memória e também sobre o futuro. O Curso de Museologia da UFRGS está, portanto, realizando os primeiros passos nesse caminho que ainda é longo e que depende dessa conscientização, mas também da ação.

Figura 10 - Fachada do Memorial do Rio Grande do Sul no dia 20 de junho de 2019



O ano de 2018 ficará sempre marcado na história dos museus do Rio Grande do Sul pelo fechamento da exposição *QueerMuseu* no Santander Cultural, que tornou realidade o preconceito e a estigmatização sofridos pela comunidade LGBT em seu cotidiano. Quando da montagem da exposição *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação*, o temor de que algo parecido voltasse a acontecer rondou as mentes de todos(as) os(as) envolvidos(as). Cogitou-se estabelecer um corte de faixa etária para acessar a exposição. Ao final, o grupo todo, *nuances*, curso de Museologia da UFRGS e Memorial do Rio Grande do Sul concordaram que isso não seria necessário e não se deveria temer o preconceito. Era preciso marcar nosso espaço. Para os que não estão familiarizados com o tema, reforça-se que o Memorial do Rio Grande do Sul é o prédio vizinho ao Santander Cultural.

Essa experiência foi totalmente diferente, não aconteceram manifestações contrárias, não houve invasão. O que se vivenciou foi um espaço de trocas, de comemoração e de orgulho, que pode ser traduzido na bandeira LGBT exposta na fachada dessa importante instituição cultural, em plena Praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre, conforme pode-se visualizar na Figura 10.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Jean. Nada de novo no *front*: o episódio QueerMuseu enquanto continuidade da LGBTfobia nacional e museológica. In: ARAÚJO, Bruno Melo de; SEGANTINI, Verona Campos; MAGALDI, Monique; HEITOR, Gleyce Kelly Maciel (orgs.). *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios*. Recife: Ed. UFPE, 2019, p. 82-95.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Por uma primavera nos museus LGBT: entre muros, vergonhas sociais e sonhos de um novo país. *Museologia & Interdisciplinaridade*.

Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da UNB, v. 7, n. 13, p. 252-262, jan. /jun. 2018.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de curadoria - os caminhos do enquadramento e extroversão da herança patrimonial. In: JULIANO, Leticia (coord.); BITTENCOURT, José Neves (org.). *Caderno de Diretrizes Museológicas 2*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008, p.15-23.

CHAGAS, M. Memória e poder, dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 19, n. 19, p. 43-81, 2002.

CURY, Marília Xavier. Exposição, comunicação museológica e pesquisa de recepção: um desafio para todos. *Revista Museologia Hoje*, n. 1, 2008.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de; GIOVANAZ, Marlise; MACHADO, Elias Palminor. De Stonewall ao Nuances: 50 anos de mobilização política LGBTQ+. *Jornal do Nuances*. Porto Alegre, v. 15, n. 47, maio 2019, p. 8-9.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 6. ed., São Paulo: Blucher, 2011.

MAROEVIC, Ivo. Tradução de Tereza Scheiner. O papel da musealidade na preservação da memória. *Congresso Anual do ICOFOM - Museologia e Memória*. Paris, 1997.

MELO, Márcia de Oliveira; GUEDES, Sandra Paschoal L. de Camargo. Museu: espaço sensorial. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 11, n. 1, p. 36-58, 2018.

NUANCES PROMOVE o Seminário Nacional 'De Olho bem Aberto'. *Alguém avisa*, s. d. Disponível em: <http://www.alguemavisa.com.br/2019/05/31/nuances-promove-o-seminario-nacional-de-olho-bem-aberto/>. Acesso em: maio 2020.

RÚSSIO [CAMARGO GUARNIERI]. Waldisa. L'interdisciplinarité en muséologie - basic paper. *MuWop/ DoTraM*, n. 2, Estocolmo: ICOFOM/ICOM, p. 58-59, 1981.

SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. *XI Encuentro Regional del ICOFOM LAM*, Equador, 2002, p. 96-105.

SOARES, Bruno Brulon. A experiência museológica: conceitos para uma fenomenologia do Museu. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 5, n. 2, p. 55-71, 2012.